



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS- DL
CURSO DE LETRAS EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS RESPECTIVAS
LITERATURAS

FRANCISCA VERÔNICA PEREIRA MOREIRA

**A CONSTITUIÇÃO MUDIÁTICA DA MULHER NEGRA EM CAPAS DA REVISTA
RAÇA**

PATU/RN

2019

FRANCISCA VERÔNICA PEREIRA MOREIRA

**A CONSTITUIÇÃO MIDIÁTICA DA MULHER NEGRA EM CAPAS DA
REVISTA RAÇA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, *Campus Avançado de Patu-CAP*, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de Graduada em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa.

ORIENTADORA: Prof.^a. Ma. Luciana Fernandes Nery

PATU/RN

2019

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

M838c Moreira, Francisca Verônica Pereira
A constituição midiática da mulher negra em capas da
Revista Raça. / Francisca Verônica Pereira Moreira. Patu,
2019. 61p.

Orientador(a): Profa. M^a. Luciana Fernandes Nery.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas
respectivas Literaturas). 2. Mulher Negra. 3. Revista Raça.
4. Discurso. 5. Constituição Midiática. I. Nery, Luciana
Fernandes. II. Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte. III. Título.

FRANCISCA VERÔNICA PEREIRA MOREIRA

**A CONSTITUIÇÃO MIDIÁTICA DA MULHER NEGRA EM CAPAS DA REVISTA
RAÇA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, *Campus* Avançado de Patu-CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de Graduada em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa.

ORIENTADORA: Prof.^a. Ma. Luciana Fernandes Nery

Aprovado em ___/___/___.

Banca Examinadora

Prof.^a Ma. Luciana Fernandes Nery- orientadora
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN

Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva
Universidade Federal Rural do Semi-árido – UFERSA

Prof.^a Ma. Aline Almeida Inhoti
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN

A todas as mulheres, especialmente a minha madrinha Raimunda Fernandes Pereira (*in memória*), mulher negra, símbolo de luta, determinação e resistência para nossa família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao meu DEUS pela força soberana para superar os obstáculos que surgiram durante a minha vida; a Ele toda honra e toda glória, pois Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele, seja a glória para sempre! Amém. (Rm.11.36).

Agradeço, especialmente, a professora Ma. Luciana Fernandes Nery, pelo apoio, orientação, leitura e paciência durante a concretização deste trabalho.

Aos meus pais, por estarem sempre comigo.

Ao meu esposo, Hudson Daniel, pelo seu apoio, companheirismo e por dividimos a alegria de estarmos juntos.

Agradeço imensamente ao meu avô, Antônio Pereira da Silva, por sua generosidade e preocupação de sempre comigo.

A professora Ma. Aline Almeida Inhoti, por ter aceitado participar da banca e trazer contribuições relevantes ao trabalho.

Ao professor Dr. Francisco Vieira da Silva, ser humano sábio, humilde, generoso e inteligente, por quem tenho admiração e respeito.

Em nome de todas (os) Professoras (os) do Curso de Letras Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas do *Campus* Avançado de Patu, CAP-UERN, agradeço a todos os mestres que passaram por meu processo formativo.

Aos meus colegas que estiveram comigo durante a caminhada no Curso de Letras.

Meu coração agradece verdadeiramente a todos que contribuíram para construção deste trabalho.

O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.

(MICHEL FOUCAULT, 1996, p.10)

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Edição n° 82 da revista Raça-----	39
Figura 02: Edição n° 97 da revista Raça -----	41
Figura 03: Edição n° 47 da revista Raça-----	44
Figura 04: Edição n° 150 da revista Raça -----	46
Figura 05: Edição n° 188 da revista Raça-----	50
Figura 06: Edição n° 199 da revista Raça -----	53

RESUMO

Na contemporaneidade, a mídia tem assumido um importante papel na disseminação de informações e se constitui como um dos espaços por meio do qual o discurso sobre a mulher negra vem sendo propagado. Logo, observa-se que a imagem desse sujeito tem sido construída e representada a partir de um panorama histórico-social de negatividade, que a reserva a condição de subalterna e marginalizada pelo discurso midiático. Diante deste cenário, o presente estudo surge com o objetivo de analisar a constituição do sujeito mulher negra em discursos que circulam em capas da revista *Raça* veiculadas entre os anos de 2000 a 2018, assim como, identificar e descrever quem é a mulher negra, que lugar ocupa e como os discursos se vinculam as formações discursivas e midiáticas para a constituição da mulher negra na referida revista. Para tanto, tecemos nossas interpretações em diálogo com os fundamentos teóricos dos estudos discursivos foucaultianos. Recorremos ainda a Assis (2010, 2011, 2015, 2017) para dar sustentação às discussões sobre o discurso midiático; Davis (2016), Peres e Ricoldi (2018), Ribeiro (2014, 2015, 2016, 2018), Teles (1999) e Berth (2018) para tratar do feminismo, feminismo negro e empoderamento da mulher negra. A pesquisa está respaldada na abordagem qualitativa por meio da qual descrevemos e interpretamos o *corpus* em análise. Mediante a análise realizada, percebemos que a revista *Raça* traz ao campo midiático a visibilidade da imagem da mulher negra de maneira afirmativa, como um sujeito empoderado que simboliza a coletividade de sua etnia e ocupa um *status*, um lugar e uma posição sujeito em determinados contextos históricos na sociedade.

Palavras chave: Mulher Negra. Revista *Raça*. Discurso. Constituição Midiática.

ABSTRACT

In contemporary times, the media has taken an important role in the dissemination of information and constitutes as one of the spaces through the speech about black woman has been spreading. Soon, it is observed that the image of this subject has been built and represented from a historical-social panorama of negativity, which reserves the condition of subaltern and marginalized by the media discourse. Given this scenario, this study aims to analyze the constitution of the black woman subject in speeches circulating in the covers of *Raça* magazine between 2000 the 2018, as well as, identify and describe who is the black woman, what place she occupies and how the discourses are linked to the discursive and media formations for the constitution of the black woman in the referred journal. Therefore, we weave our interpretations in dialogue with the theoretical foundations of Foucaultian discursive studies. We also resorted to Assis (2010, 2011, 2015, 2017) to support the discussions about the media discourse; Davis (2016), Peres and Ricoldi (2018), Ribeiro (2014, 2015, 2016, 2018), Teles (1999) and Berth (2018) to deal with feminism, black feminism and the empowerment of black woman. The research is supported by the qualitative approach in which we describe and interpret the *corpus* under analysis. Through this analysis, we realize that *Raça* magazine brings to the media field the visibility of black women image in the affirmative way, as an empowered subject that symbolizes the collectivity of their ethnic group and occupies a subject *status*, place and position in certain historical contexts in society.

Keywords: Black Woman. *Raça* Magazine. Speech. Media Constitution.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
CAPÍTULO 1: ANÁLISE DO DISCURSO, MÍDIA, FEMINISMO E EMPODERAMENTO NEGRO	17
1.1 Delineando caminhos da Análise do Discurso na perspectiva dos estudos discursivos foucaultianos.	17
1.2 A mídia e os jogos de saber-poder no dispositivo midiático	27
1.3 O surgimento da Revista Raça: breves apontamentos	31
1.4 Da Europa ao Brasil: as interfaces do Feminismo Negro em/como movimento de empoderamento.....	33
CAPITULO 2: A CONSTITUIÇÃO MIDIÁTICA DA MULHER NEGRA EM CAPAS DA REVISTA RAÇA.....	38
2.1 O dispositivo midiático e a constituição da mulher negra na Revista Raça	38
2.2. As Formações discursivas e os enunciados propagados pela Raça a respeito da mulher negra	43
2.3 As relações de saber- poder e o empoderamento da mulher negra em capas da revista Raça.	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS	58

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A dinâmica do complexo universo midiático e discursivo abrange um conjunto diverso de meios de comunicações, como jornais, revistas, televisão, rádio, internet, dentre outros, que visam transmitir e disseminar informações a inúmeras esferas da sociedade em um curto espaço de tempo. Gregolin (2007, p.16) afirma que “as mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade”. Neste sentido, o campo midiático se constitui como um dos espaços onde o discurso ganha visibilidade e produz poder capaz de conduzir os sujeitos a aceitarem ou não determinados discursos ou padrões tidos como corretos.

Nesta perspectiva, estudar a dinâmica complexidade em que os discursos midiáticos sobre a mulher negra são proferidos nos mais diversos setores sociais passa a ser relevante, visto que a representação da mídia em torno da imagem da mulher negra, comumente, tem sido construída a partir de um panorama histórico-social negativo, reservando-a a condição de subalterna e marginalizada. Segundo Galdino e Verner (2014, p. 258), “a representação das mulheres negras indicam que sua imagem é marcada por estereótipos, principalmente em relação a seu corpo e é também caracterizada pela subalternidade”.

Diante disto, considerando que no decorrer do processo histórico a mídia tem assumido um importante papel na disseminação de informações, através dos mais diversos meios de comunicação, observa-se que raramente se veiculam mulheres negras em capas de revista ou em matérias como destaque e, quando a mesma aparece, na maioria das vezes, vem em segundo plano. Neste sentido, sendo a mídia uma entidade institucionalizada que produz discursos e enunciados verbais e não verbais, analisar o discurso produzido pela mesma em relação à constituição da mulher negra em capas de revistas é percebê-la como um dispositivo estratégico de poder “através do qual o poder é vinculado e orientado” (FOUCAULT, 2006, p. 254) que se comprova à medida que não busca apenas difundir informações, mas também, persuadir, manipular e formar opiniões dos sujeitos sociais.

Perante o exposto, apresentamos os seguintes questionamentos: a) Como se constitui a representação do sujeito mulher negra na revista *Raça* e

que lugar ocupa em edições da referida revista entre os anos 2000 a 2018? e b) Como os discursos se vinculam as formações discursivas para a constituição da mulher negra na revista *Raça*? Mediante a estes questionamentos sobre o universo midiático discursivo em que a mulher negra é representada na revista em estudo, esta pesquisa apresenta como objetivo geral analisar a constituição do sujeito mulher negra em discursos que circulam em capas da revista *Raça* veiculadas entre os anos de 2000 a 2018. Para isto, procuramos investigar a constituição do sujeito mulher negra em capas da revista *Raça*, assim como, identificar e descrever quem é o sujeito mulher negra e que lugar ocupa em edições da referida revista entre os anos 2000 a 2018 e ainda analisar como os discursos se vinculam as formações discursivas e midiáticas para a constituição da mulher negra na referida revista.

A presente pesquisa se apresenta como um estudo inicial que pode ser aprofundado em investigações futuras, por isso não é nossa intenção traçar uma verdade absoluta ou definitiva sobre as constituições midiáticas presentes na revista *Raça* sobre a mulher negra nas edições selecionadas. Ressaltamos que a escolha pela análise do referido *corpus* aconteceu devido à mesma ser a maior revista impressa brasileira cujo público-alvo é a população negra, diferenciando-se das demais de renome nacional, se constituindo assim, como campo de análise para nossa pesquisa.

É importante destacar que a revista *Raça* tem sido objeto de vários estudos e pesquisas que são veiculadas a comunidade acadêmica por meio da publicação de artigos em revistas científicas, monografias, dissertações e teses nas mais diversas áreas do conhecimento, dentre estas investigações destacamos Braga (2008, 2013), Castro (2007), Oliveira (2007), Santos (2017), Silva (2016), Vieira (2014), dentre outros. Cada investigação apresenta sua especificidade teórica e metodológica quanto ao seu objetivo de estudo, o que se constituiu também como um diferencial de nossa investigação.

Logo, os dados organizados através deste breve levantamento nos oferecem elementos expressivos para a realização de nosso trabalho monográfico. Contudo, é relevante frisar que estes são apenas alguns dos muitos estudos realizados que tiveram como objeto de estudo a revista *Raça*, mas que a bibliografia disponível não se esgota nas pesquisas citadas, visto que, não realizamos um estudo global sobre toda a literatura disponível.

Assim, diante do levantamento das investigações que realizamos não encontramos estudos voltados para analisar a constituição do sujeito mulher negra em discursos que circulam em capas da revista *Raça*, deste modo, torna-se pertinente à realização de nossa pesquisa, uma vez que, se constitui como um campo de discussão que poderá trazer relevantes contribuições aos estudos do discurso.

Desta maneira, mediante a finalidade de atender aos objetivos expostos e na busca por respostas aos nossos questionamentos, selecionamos como *corpus* as capas da revista *Raça* em que a mulher negra aparece como destaque, cujos enunciados enaltecem a mulher negra. A opção por estes enunciados ocorreu devido ao fato da revista selecionada para análise apresentar uma grande quantidade de edições. Assim, selecionamos 06 (seis) capas da Revista *Raça* entre os anos de 2000 a 2018 para análise. A referida revista surgiu no mercado midiático brasileiro em 02 de setembro de 1996 lançada pela editora Símbolo, inicialmente com o slogan “A revista dos negros brasileiros”. Porém, a partir da edição nº 37, em 1999, esse slogan é retirado, passando a chamar-se Revista *Raça* Brasil, posteriormente à editoração ficou por conta da editora Escala. Em 2016, muda sua nomenclatura para Revista *Raça* e, hoje, pertence à Pestana Arte & Publicações. A *Raça* traz em suas matérias conteúdos sobre moda, saúde, beleza, cultura, música, comportamento, inclusão racial e de gênero.

Desenvolvemos a pesquisa alicerçada nos estudos do método arqueogenalógico¹ de Foucault (1996, 2006, 2008, 2010, 2018), contamos também com os estudos de Assis (2010, 2011, 2015, 2017), Fernandes (2005), Gregolin (2003, 2007, 2008) e Charaudeau (2013), sobre discurso e mídia; Galdino e Verner e Vieira (2014) acerca das representações sociais e (in) visibilidade da mulher negra e do negro na mídia; Davis (2016), Peres e Ricoldi (2018), Ribeiro (2014, 2016, 2018), Teles (1999) e Berth (2018) para dar consistência às discussões sobre feminismo, feminismo negro e empoderamento da mulher negra; Castro (2007), Santos (2017), Martins e Luca (2008) a respeito do surgimento do gênero revista e da revista *Raça* no

¹ O Método Arqueogenalógico investiga e descreve as práticas discursivas e não discursivas que produzem subjetividades por meio do Saber-Poder-Ética.

cenário midiático brasileiro, dentre outros autores que dialogam com a temática em estudo. Trata-se de uma pesquisa documental de caráter descritivo e interpretativo, tendo em vista que tem como fonte capas da revista *Raça* que foram analisadas e interpretados de acordo com os objetivos da pesquisa e sob o olhar do pesquisador (Severino 2007). Elencamos a abordagem qualitativa, pois descrevemos e interpretamos o *corpus* em análise, com ênfase nos recursos verbais, visuais e categorias discursivas da AD francesa foucaultiana.

Evidenciamos que os discursos que circulam na mídia assumem um papel crucial na construção do imaginário social e nos sentidos produzidos pelos sujeitos. Dessa forma, é relevante investigar, descrever e interpretar como acontece a constituição do sujeito mulher negra em discursos que circulam no dispositivo midiático revista *Raça*, como também é salutar pensar o sujeito, o enunciado, e o momento histórico que determinados discursos foram e são produzidos na sociedade acerca da mulher negra.

A pesquisa que ora se apresenta está organizada em dois capítulos. No primeiro capítulo, “*Análise do Discurso, Mídia, Feminismo e Empoderamento Negro*” apresentamos o delineamento dos caminhos percorridos na constituição da Análise do Discurso na perspectiva dos estudos discursivos foucaultianos. Na sequência, abordamos sobre os jogos de saber-poder no dispositivo midiático. Em seguida, discorremos sobre o surgimento da revista *Raça* no mercado midiático brasileiro. E para finalizar este capítulo ponderamos sobre as interfaces do Feminismo Negro em/como movimento de empoderamento.

No segundo capítulo, intitulado de: “*A Constituição midiática da Mulher Negra em Capas da Revista Raça*” realizamos a análise sobre a constituição midiática do sujeito mulher negra na revista *Raça*. Seguindo com as descrições e interpretações das formações discursivas e dos enunciados propagados pela *Raça* a respeito da mulher negra no contexto histórico e social. Posteriormente, analisamos as relações de saber- poder e o empoderamento da mulher negra em capas da revista *Raça*.

Por último, tecemos algumas considerações e abordamos de maneira sucinta os resultados que a pesquisa nos permitiu alcançar, mostrando a relevância e possíveis contribuições do estudo para a comunidade acadêmica e social que tenha interesse em estudar a temática da representação midiática

da mulher negra em capas da revista *Raça*. Assim sendo, esperamos que a presente investigação possa contribuir de maneira significativa para os estudos discursivos foucaultianos e para os pesquisadores da área.

CAPÍTULO 1: ANÁLISE DO DISCURSO, MÍDIA, FEMINISMO E EMPODERAMENTO NEGRO

1.1 Delineando caminhos da Análise do Discurso na perspectiva dos estudos discursivos foucaultianos.

A Análise do Discurso tem sua gênese durante a década de 1960, na França, tendo como um dos principais expoentes Michel Pêcheux, a partir do lançamento da obra “*Análise Automática do Discurso*”. Esse novo campo disciplinar surge guiado pela “inter-relação Linguística e História e pela recorrência à Psicanálise para a conceituação do sujeito discursivo” (FERNANDES, 2005, p.49). Assim, o entrecruzamento entre esses diferentes campos do saber ocasionaram embates teóricos e conceituais que dividiram as discussões entre os estudiosos da linguagem.

Durante sua consolidação como campo disciplinar nos estudos da linguagem, a AD passou por reconfigurações e elaboração no seu arcabouço teórico e metodológico revisando os seus principais conceitos. Fernandes (2005) com base na obra de Pêcheux (1999) sintetiza esse percurso teórico da AD na França em três fases: a primeira fase (AD1), resultante dos vestígios do estruturalismo pós-saussuriano, entendia o discurso como resultado de condições de produção estáveis e homogêneas produzidos em um determinado momento e local. Na AD1 “o sujeito foi tratado como assujeitado, mas com a ilusão de ser a fonte do discurso” (FERNANDES, 2005, p. 81).

De acordo com Fernandes (2005), na segunda fase (AD2) apresenta-se a noção de formação discursiva, baseadas nas obras de Michel Foucault, pondo em xeque a noção de maquinaria discursiva fechada, porém, o sujeito discursivo continua sendo concebido como assujeitado. Na última fase (AD3) há a desconstrução da ideia de maquinaria discursiva, homogeneidade, estabilidade e neutralidade da sintaxe no discurso, abrindo espaço para a noção de enunciação e reflexões que giram em torno da heterogeneidade enunciativa que conduzem à discussão sobre o *discurso-outro* (FERNANDES, 2005).

É importante ressaltar que as bases epistemológicas da AD têm sua gênese constitutiva a partir dos postulados de Marx (Materialismo-histórico),

Saussure (Linguística) e Freud (Psicanálise), ou seja, surge nos estudos da linguagem a tríplice aliança: história, língua e sujeito. Gregolin (2003) destaca que entre os principais expoentes para solidificação da análise do discurso francesa estão: Althusser a partir das releituras de Marx, Foucault por meio do conceito de formação discursiva, Lacan que traz as releituras de Freud sobre o inconsciente e sua estrutura linguística e Bakhtin com o dialogismo da linguagem.

Atualmente, a AD tem sido estudada por diferentes e variadas correntes teóricas que tem em comum os estudos do discurso. Em nosso país, por exemplo, podemos destacar algumas perspectivas como principais: a) a corrente que parte dos estudos da ideologia a partir das leituras de Althusser e Michel Pêcheux representada por Eni Orlandi (UNICAMP); b) o Grupo dos Estudos Discursivos Foucaultianos tendo como principais expoentes Rosário Gregolin e pesquisadores ligados ao grupo GEADA- Grupo de Estudos da Análise do Discurso (UNESP- Araraquara); c) a Análise do/de Discurso de Maingueneau e Patrick Charaudeau, representada no Brasil por Sírio Possenti (UNICAMP); d) a Análise Semiótica Discursiva de Greimas, Fontanille, Landowski, tendo Luis Fiorin (USP) como principal expoente, e) a Análise do Discurso Russa-eslava com os estudos discursivos baktinianos, disseminada no Brasil pelos estudos de Adair Sobral (UFRG) e Beth Brait (PUC/SP), dentre outros; f) a Análise do Discurso Crítica, consolidada nos anos 1990, a partir dos estudos de T. Van Dijk, Teo Van Leeuwem, Ruth Wodak e Normam Fairclough, difundida em nosso país por Resende e Ramalho (UNB). Essas distintas correntes teóricas vêm trazendo importantes contribuições para os estudos do discurso, porém se diferenciam quanto às especificidades teóricas e metodológicas.

Na perspectiva dos estudos discursivos, é relevante destacarmos a ampla produção do escritor francês Michel Foucault, por nos permitir analisar, descrever e interpretar o entrecruzamento dos múltiplos discursos em vários campos do saber, como nos estudos linguísticos, educacionais, sociológicos, filosóficos, psicológicos, históricos, antropológicos, dentre outros. A produção foucaultiana não se restringe a um campo disciplinar estabelecido, mas atravessa os “discursos parcelares, como o discurso da loucura e da medicina; discursos entrecruzados e múltiplos” (ROUANET *et al*, 1996, p. 10), ou seja,

são os vários discursos que circulam na sociedade que objetivam/subjetivam o sujeito por meio do saber-poder.

A produção de Foucault é tão vasta quanto complexa, o que pode ocasionar entraves na sistematização do seu pensamento. Veiga-Neto (2007 p. 35) destaca que a maioria “dos especialistas costuma falar em três fases ou etapas, conhecidas pelas denominações de arqueologia, genealogia e ética. Trata-se de uma sistematização que combina os critérios metodológico e cronológico”. Essa organização acontece para fins didáticos, entretanto, não é que uma fase termine e comece outra, pois, muitas das questões discutidas na primeira (Arqueologia do Saber) perpassam a segunda (Genealogia do Poder) e a terceira fase (Genealogia da Ética), visto que, a preocupação do autor não é especificamente com o poder em si, mas é a “figura do sujeito”. Na primeira fase, denominada Arqueologia do Saber, o autor destaca as práticas que objetivam/subjetivam o sujeito por meio dos saberes. Nessa fase, temos como destaque as seguintes obras: Doença mental e Psicologia (1954), História da Loucura na Idade Clássica (1961), O Nascimento da Clínica (1963), As Palavras e As Coisas (1966), Arqueologia do Saber (1969), A Ordem do Discurso (1970) e o Curso: Aulas sobre a vontade de saber (1970-1971).

Segundo Gregolin (2008, p.33), “a partir de 1971, Foucault propõe a transição de uma arqueologia a uma dinastia do saber”. Nesse momento, a preocupação não é apenas com a descrição dos discursos, mas também com a “análise das práticas e das estratégias”. Surge nessa transição à segunda fase de sua produção, a Genealogia do Poder, em que o autor discorre sobre as práticas que objetivam/subjetivam o sujeito por meio dos poderes. Destacam-se nessa fase as obras: As verdades e as formas jurídicas (1973), Vigiar e Punir (1975), História da Sexualidade I: Vontade de Saber (1976), Eu, Pierre Rivière (1978), Microfísica do Poder (1979), e os Cursos: O poder psiquiátrico (1973-1974), Os anormais (1974-1975), Em defesa da sociedade (1975-1976) e Segurança, Território e População (1977-1978).

Na terceira fase, Genealogia da Ética, Foucault discute a cerca das práticas que subjetivam/objetivam o sujeito. O destaque da produção foucaultiana nessa fase está nas obras: História da Sexualidade II: O uso dos prazeres (1984), História da Sexualidade III: Cuidado de Si (1984), História da

Sexualidade IV²: As confissões da carne (2018), e os Cursos: O Nascimento da biopolítica (1978-1979), Do governo dos vivos (1979-1980), A hermenêutica do sujeito (1981-1982), O governo de si e dos outros (1982-1983) e A coragem da verdade (1983-1984).

Em diálogo com as fases apresentadas, Assis (2015) ressalta que a AD contribui para a constituição de uma nova visão epistemológica sobre os textos e discursos, ultrapassando a mera noção de estrutura, pois, “estuda a língua além do aspecto puramente estrutural”, visto que, “o social, a história e a ideologia são elementos necessários para a instauração dos discursos” (ASSIS 2015, p. 27). Nesse sentido, os discursos sempre partem de algum lugar, momento e de um sujeito discursivo que é constituído na historicidade social das práticas discursivas, ou seja, há um pré-construído na instauração dos discursos, que “é considerado, necessariamente, no jogo de uma exterioridade” (FOUCAULT, 2008, p. 139).

Conforme Fernandes (2005, p.6), o “discurso implica uma exterioridade à língua, deve ser apreendido no social, cuja compreensão coloca em evidência aspectos ideológicos e históricos próprios à existência dos discursos nos diferentes contextos sociais”. Nesta perspectiva, o discurso está atrelado à prática social da linguagem e a pluralidade de elementos históricos e sociais que envolvem sua produção, pois, conforme ressalta Gregolin (2008), pensar uma análise do discurso a partir da caixa de ferramentas foucaultiana é compreender a formação, a circulação, a transformação das práticas discursivas, de natureza verbal e não verbal, ou seja, semiológica.

Neste sentido, dentre os muitos conceitos estudados e elaborados por Michel Foucault, observamos a necessidade de centrar em alguns, como principais para nosso trabalho, tais como enunciado, formação discursiva, bem como a tríade saber-poder e subjetividade, pois serviram de sustentação e sistematização para nossa análise e nos permitiram tecer interpretações ao *corpus* analisado.

² As Confissões da Carne é o quarto e último volume da História da Sexualidade, situa-se entre os anos de 1981-1982, porém, somente foi publicado em 2018. Nesta obra o autor traz a discussão sobre a sexualidade humana desde a Antiguidade clássica até os primeiros séculos do cristianismo.

Partindo da ideia de que o discurso é o “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 2008, p. 122), o autor, traz aos estudos arqueológicos o entendimento de que por meio desse conceito pode-se falar em discurso médico, filosófico, psiquiátrico, religioso, político, pedagógico dentre outros. Sendo assim, Foucault (2008) discorre que, na análise do campo discursivo, é importante compreender o enunciado na singularidade de sua situação, determinando as condições de sua existência e fixando os limites e correlações com os outros enunciados. Assim, é necessário “saber a que se refere o enunciado, qual é seu espaço de correlações” (FOUCAULT 2008, p.101), isto é, o enunciado não é apenas uma unidade linguística que faz com que uma frase tenha sentidos, mas para que essa unidade possa ser considerada um enunciado, é importante atentar para quatro pontos. O primeiro é o referencial que “forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou de objetos, dos estados de coisas e de relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado” (FOUCAULT 2008, p.103), definindo as possibilidades e delimitando o valor de verdade à proposição.

Um segundo ponto também essencial na definição do enunciado é a relação do enunciado com o sujeito, visto que, “a relação de produção que mantém com a formulação não pode ser superposta à relação que une o sujeito enunciante e o que ele anuncia” (FOUCAULT 2008, p.104), ou seja, para que o enunciado exista é necessário que alguém assuma a posição sujeito e possa dizê-lo em algum lugar, momento e circunstância. O terceiro ponto constitutivo do enunciado é que este existe em associações e correlações com outros da mesma formação discursiva, uma vez que, “para que haja enunciado, para que se trate de um enunciado é preciso relacioná-la com todo um campo adjacente (...) um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados” (FOUCAULT 2008, p.110), assim, o enunciado faz parte de uma série de outros enunciados coexistentes.

O quarto e último ponto se refere à materialidade, pois o “enunciado é sempre apresentado através de uma espessura material, mesmo dissimulada, mesmo se, apenas surgida, estiver condenada a se desvanecer” (FOUCAULT 2008, p.113). Neste sentido, a existência material do enunciado reporta-se, as formas concretas e registros da sua apresentação, isto é, ao que efetivamente

foi dito e cuja compreensão reside nas seguintes indagações, “como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT 2008, p.31). Isto posto, o autor descreve que todo enunciado faz parte de uma formação discursiva e que ambos estão correlacionados na trama do discurso, permeados pelas condições sócio históricas do aparecimento deste. Diante disso, Foucault (2008) afirma que:

Uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que para o tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais. (FOUCAULT 2008, p.83).

Entendemos, assim, que a formação discursiva (FD) não é imutável, permanente ou atemporal, mas se projeta na relação e correlação ao longo do tempo e da história, articulando os eventos, transformações e mudanças, ou seja, são as condições sócio históricas dos acontecimentos discursivos, as regularidades e as modificações que estabelecem a relação do passado com o presente, determinando a existência de certos discursos. Em diálogo com Foucault (2008), Fernandes (2005) aponta que podemos caracterizar uma formação discursiva pela presença de um grupo semelhante de objetos e enunciados que descrevem e possibilitam explicitar como os mesmos têm seu lugar e regra de aparecimento, assim a FD se refere:

ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas; trata-se da possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica. (FERNANDES, 2005, p.46).

De acordo com as definições apresentadas, a FD não é homogênea, mas heterogênea, uma vez que, trata das condições de possibilidade do discurso, isto é, ao que pode ou não ser proferido em determinado espaço,

lugar e época específica. No entanto, a FD não se limita a uma época, pois em seu interior pode-se encontrar elementos que possuíram existência em distintos espaços sociais e momentos históricos que se fazem presentes e integra-se a um novo contexto histórico possibilitando outros efeitos de sentidos (FERNANDES, 2005). Destarte, observa-se que os conceitos de enunciado e formação discursiva estão intrinsecamente ligados, visto que, todo “enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence ao texto”, (FOUCAULT 2008, p.83), ou seja, não podemos analisá-los fora do sistema de correlação de suas materialidades.

Além dos conceitos de enunciado e formação discursiva, discutidos anteriormente, é importante destacar a concepção de sujeito discursivo para a Análise do Discurso. De acordo com Fernandes (2005), para compreendemos o sujeito discursivo, conforme os postulados da Análise do Discurso, é preciso atentarmos para o fato de que:

[...] não se focaliza o indivíduo falante, compreendido como um sujeito empírico, ou seja, como alguém que tem uma existência individualizada no mundo. Importa o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórico e ideologicamente marcado; um sujeito que não é homogêneo, e sim heterogêneo, constituído por um conjunto de diferentes vozes. (FERNANDES 2005, p.7).

Assim, o sujeito discursivo é aquele que tem uma existência social e ocupa uma posição sujeito situado na história em dado momento e não em outro, ou seja, é um sujeito heterogêneo que não é o centro de seu dizer, mas constituído nas relações sociais por meio dos vários discursos que o cerca e o constitui. Desse modo, o sujeito discursivo assume lugar central para entendermos à tríade saber-poder-subjetividade, uma vez que, estes conceitos se entrelaçam ao longo da produção foucaultiana.

Na obra *Arqueologia do Saber* (1969-2008), Foucault centra suas discussões no eixo prática discursiva-saber-ciência e discorre sobre a constituição dos saberes e dos discursos, conceitos, modalidade de formação, enunciação e suas dinâmicas de transformação, isto é, o discurso enquanto saber ou em sua relação com o saber. Nesta perspectiva, discorre o autor sobre as práticas discursivas:

Não podemos confundi-la com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma ideia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada em um sistema de inferência; nem com a "competência" de um sujeito falante, quando constrói frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2008, p.133).

Compreendemos, assim, que as práticas discursivas obedecem a um conjunto de regras colocadas em movimento pelo discurso, definidas e situadas em consonância com a história, o tempo e o lugar, pois não se constitui na forma expressiva de o sujeito elaborar uma ideia, desejo ou imagem. Ao direcionar seu olhar para as práticas discursivas, Foucault (2008, p. 203) pontua que “analisar positivamente é mostrar segundo que regras uma prática discursiva pode formar grupos de objetos, conjuntos de enunciações, jogos de conceitos, séries de escolhas teóricas”, ou seja, são os elementos utilizados, os tipos de enunciação, os objetos, a forma, o rigor, os conceitos e as estratégias utilizadas por uma prática discursiva que constitui e legitima os vários tipos de discurso, como: o científico, econômico, político, histórico, pedagógico, dentre outros. São esses grupos de informações e elementos, constituídos de maneira regular por uma prática discursiva que são imprescindíveis para a constituição de uma ciência e do saber Foucault (2008).

Em conformidade com a proposição apresentada, Foucault (2008) define o saber como:

[...] aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico (o saber da psiquiatria, no século XIX, não é a soma do que se acreditava fosse verdadeiro; é o conjunto das condutas, das singularidades, dos desvios de que se pode falar no discurso psiquiátrico); um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso (neste sentido, o saber da medicina clínica é o conjunto das funções de observação, interrogação, decifração, registro, decisão, que podem ser exercidas pelo sujeito do discurso médico); um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam

(neste nível, o saber da história natural, no século XVIII, não é a soma do que foi dito, mas sim o conjunto dos modos e das posições segundo os quais se pode integrar ao já dito qualquer enunciado novo); finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (assim, o saber da economia política, na época clássica não é a tese das diferentes teses sustentadas, mas o conjunto de seus pontos de articulação com outros discursos ou outras práticas que não são discursivas). (FOUCAULT, 2008, p. 204).

Podemos observar que, de acordo com a arqueologia, proposta pelo autor, o saber não se restringe a disciplina ou a ciência, este pode estar contido em diferentes campos do conhecimento, visto que, o mesmo não é estático ou homogêneo, mas se constitui na dinamicidade das práticas discursivas produzidas pelos sujeitos na sociedade. Assim, o saber se constitui pelo conjunto de elementos que provém de uma prática discursiva, pois “não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 2008, p. 205). Daí decorre o entendimento de que o saber desempenha uma função fundamental nas relações de poder, haja vista que o mesmo certifica e assegura o exercício do poder por meio dos vários discursos veiculados no meio social, dentre estes o da mídia, objeto de nossa análise. Disso se compreende que o dispositivo midiático pode funcionar como instituição autorizada que produz e permite a circulação do poder por meio do discurso.

Quanto ao poder, Foucault (2010) ressalta que devemos captá-lo em suas extremidades, ramificações, formas institucionais e intenções, pois o poder não é estático, homogêneo, soberano ou uma dominação global que se aplica aos sujeitos, mas se constitui na dinamicidade das relações que circulam em cadeias e redes. Desse modo,

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca é o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. [...] Ou

seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu. (FOUCAULT 2010, p.103).

Nesta perspectiva, observa-se que o poder acontece na multiplicidade de relações e no jogo de lutas e confrontos, pois como afirma Foucault (2010, 136) “onde existe poder, existe resistência”, uma vez que, ninguém é dono do poder e de seus efeitos, mas qualquer sujeito pode exercê-lo, visto que, o mesmo não é parado e uniforme, mas circula nas diversas e múltiplas esferas e instituições sociais, como na família, na escola, no trabalho, na igreja, entre outras. Dessa maneira, os sujeitos se constituem a partir das relações de poder, não como forma de dominação ou soberania de sujeitos sobre outros, ou seja, não se trata de conceber o sujeito como polo de concentração do poder, haja vista que o poder se efetiva em rede, isto é, está disperso. Assim, o poder não se fixa no sujeito, mas o atravessa e o constitui.

Deste modo, compreendemos que o saber-poder produzem discursos e instituem regimes de verdade que estabelecem as regras de aparecimento e de reprodução de outros discursos, ou seja, são esses discursos tidos como verdadeiros no campo social ou midiático que ditam o que pode ou deve ser pronunciado em determinados campos discursivos, como também, quem está autorizado a falar dentro desse espaço. Neste sentido, Foucault (2010), ao ressaltar que o sujeito é efeito do poder, está se dirigindo ao fato de que a subjetividade é socialmente construída nas/pelas práticas sociais. Com isso, entendemos que as relações de poder e a consolidação da subjetividade acompanha o discurso, visto que, a mesma não é distinta, mas antes constituída em e através das relações de poder (FOUCAULT, 2018).

Ainda, de acordo com autor “a subjetividade não é simplesmente imposta externamente. Nós assumimos e ocupamos as posições de sujeito que nosso contexto sócio histórico nos disponibiliza: sujeitos não são apenas feitos, nós nos fazemos” (FOUCAULT 2018, p.221), isto é, a subjetividade é o modo pelos quais nos constituímos e nos desenvolvemos historicamente como sujeitos, ou seja, são as práticas que realizamos cotidianamente que vão nos produzindo e subjetivando. Dito de outra maneira, “não é um estado que

ocupamos, mas sim uma atividade que realizamos” (FOUCAULT 2018, p.221). Essa atividade ocorre por meio de um conjunto de ações que se entrecruzam e produzem formas singulares.

Diante do exposto, a partir dos conceitos foucaultianos discutidos anteriormente, não teria sentido realizarmos nossa análise em que estes fossem analisados e interpretados separadamente dos contextos histórico-sociais de produção do discurso, uma vez que estes contribuíram para que pudessemos compreender a dimensão social que o discurso midiático a respeito da mulher negra é proferido, as situações, práticas e formações discursivas que envolvem a sua produção na mídia. Atentando para este contexto, no tópico seguinte, discutimos sobre a mídia e os jogos de saber-poder no dispositivo midiático.

1.2 A mídia e os jogos de saber-poder no dispositivo midiático

A mídia está presente no cotidiano das mais diversas formas e tem se apresentado como uma das principais fontes de informações que discute sobre diversos assuntos, seja de acontecimentos cotidianos a temas relacionados à política, saúde, beleza, arte, economia, educação, dentre outros. Em geral, a mídia tem o poder de sustentar, questionar ou quebrar paradigmas de determinados discursos veiculados como verdades no meio social e histórico, uma vez que, “promove olhares e ressignifica dizeres, regulamenta discursos, constrói imagens, determina padrões” (ASSIS 2011, p.41). Desta maneira, a esfera midiática abarca as instâncias do poder, saber e produz a subjetivação dos sujeitos. Nesse sentido, a mídia se enquadra no que Michel Foucault em *Microfísica do Poder* (2010) denominou por dispositivo, definido como:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (...) um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. (FOUCAULT 2010, p. 139).

O conceito de dispositivo foi desenvolvido na genealogia do poder e permite analisar com as práticas discursivas objetivam/subjetivam o sujeito por meio dos poderes, assim, o dispositivo pode ser compreendido como sendo heterogêneo, estratégico e subjetivador, visto que, se constitui como uma rede que articula e organiza os elementos das práticas sociais, permitindo distinguir o que pode ou não ser aceito como verdade na sociedade. Para Agamben (2005, p.13), “o dispositivo é qualquer coisa que tenha de algum modo à capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas as opiniões e os discursos dos seres viventes”, ou seja, podemos entendê-lo com as regras impostas aos sujeitos por um poder exterior. Nesta perspectiva, a mídia se constitui como um dos dispositivos através do qual o poder pode ser exercido ou colocado em movimento, funcionando como um mecanismo de controle e de (re) produção do discurso. Deste modo, o dispositivo está inscrito em um jogo de poder-saber e estratégias de relação de forças que são sustentadas por estes (FOUCAULT 2010).

Por esse ângulo, observa-se que as mídias no século XXI são detentoras de grande poder que tem influenciado a vida dos sujeitos contemporâneos. Segundo Gregolin (2007, p.16), “na sociedade contemporânea a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída a história do presente”, pois “formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui”. Para a referida autora, o acontecimento discursivo no campo midiático é produzido pela instantaneidade que interpela o leitor/espectador através de textos verbais e visuais, constituindo o momento presente por meio da resignificação de imagens e palavras arraigadas ao passado que permite ao sujeito interpretar os discursos produzidos historicamente.

Assis (2015) destaca que a mídia em nosso país se constitui como sendo heterogênea, pois está presente nos meios impressos, eletrônicos e digitais que está ao alcance dos sujeitos das mais diferentes faixas etárias, influenciado-os em suas atitudes, regularizando discursos, construindo imagens e narrando os acontecimentos, como é o caso da revista *Raça*, nosso *corpus* de análise. Nesta perspectiva, a mídia se constitui no campo social como uma prática discursiva, produto da linguagem, processo histórico e lugar

de produção de sentidos, uma vez que para poder alcançar o seu funcionamento é indispensável analisar a circulação dos enunciados, as formações discursivas, as posições do sujeito, as materialidades e as articulações que estes estabelecem com a história (GREGOLIN 2007).

De acordo com Assis (2011, p.45), “no discurso midiático, o interpretável está justamente na relação que é construída com o outro, com o espaço, com a memória social”. Para a autora, as construções que o dispositivo midiático materializa produzem sentidos que resgatam a memória e os acontecimentos históricos transformando-os em acontecimentos discursivos. Assim, para compreender essa transformação, é necessário entendermos as condições de aparecimento do discurso midiático, o sujeito discursivo que ocupa uma determinada posição e o momento histórico em que o mesmo foi proferido, uma vez que, o discurso é constituído pela “articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos” (FOUCAULT 2008, p.83), que permite ao analista do discurso interpretar a realidade e as relações de saber-poder-subjetividade.

Para Gregolin (2007, p.16), “o que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta”. Dessa forma, pensar o dispositivo midiático é perceber que o mesmo realiza a tarefa de fazer circular as representações simbólicas que coopera para as interconexões entre os leitores/espectadores e sua realidade objetiva, visto que, o discurso midiático exerce relações de poder e regulamenta saberes a partir de sua veiculação como verdades no seio social. Nesta perspectiva, conforme o pensamento da autora citada anteriormente, o discurso é uma representação da sua própria realidade, sendo o discurso midiático aquele que mais se espetaculariza (GREGOLIN 2007).

Nas proposições de Charaudeau (2013, p.15), “informação, comunicação e mídias” são palavras de ordem do discurso na era moderna que funcionam como “suporte organizacional” nas diversas esferas discursivas, como na economia, tecnologia, política, educação, filosofia, dentre outros. Esse suporte alcança grande “visibilidade social” nos espaços públicos e acaba sendo objeto de interesse nas relações sociais da contemporaneidade. Para o

referido autor, o mundo midiático reflete o espaço social, a maneira que permite compreender o modo pelo qual “os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem as representações dos valores que subjazem a suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido” (CHARAUDEAU, 2013, p. 16).

Continuando com o pensamento de Charaudeau (2013), a mídia se caracteriza como sendo complexa, uma vez que, no discurso midiático ocorre uma distorção na transmissão de informação:

[...] as mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público. Por querer “mostrar a qualquer preço”, do “tornar visível o invisível” e do “selecionar o que é mais surpreendente” (as notícias ruins) faz com que se construa uma imagem fragmentada do espaço público. (CHARAUDEAU, 2013, p.19 -20).

Neste sentido, observa-se que o dispositivo midiático através dos meios de comunicação utiliza-se de vários mecanismos e estratégias para construção e promoção de imagens da mulher negra nos espaços públicos, visto que, muitas vezes, essa representação pode afastar-se do reflexo real e fiel da realidade. Atenta a este contexto, Assis (2015) coloca que no dizer de Charaudeau (2013), a manipulação construída na mídia não ocorre de maneira clara ou explícita, uma vez que, deixa subentendidos vários mecanismos que só podem ser descobertos e detectados por meio de uma visão plural que transcorre não somente nas páginas das revistas, mas em diversos outros espaços sociais e históricos constitutivos desse dizer. Assim, para a autora “quando falamos em manipulação” [não se trata especificamente de] “imposição de um poder, mas de outras formas de domínios necessários para a articulação dos sentidos que devem constituir-se nos dizeres midiáticos” (ASSIS, 2015, p.106).

Isto posto, concordamos com Gregolin (2007, p. 22- 23) quando pontua que “não há nos discursos da mídia, apenas reprodução de modelos- ela também os reconstrói e reformata”. Dessa forma, as vozes que ecoam da mídia trazem outros dizeres que advém de outros lugares sociais que promove discursos, estabelece modos de comportamentos e imprimem valores mediante

jogos articulatórios entre saber-poder-subjetividade. Partido desta discussão, e sabendo da importância que o dispositivo midiático assume na sociedade contemporânea, abordamos no tópico seguinte sobre o surgimento da revista *Raça* na mídia brasileira, *corpus* de nossa análise.

1.3 O surgimento da Revista Raça: breves apontamentos

Para uma melhor compreensão sobre a representação midiática do sujeito mulher negra presente na revista *Raça*, faz-se necessário ressaltar um pouco sobre a origem da revista em nosso país. Segundo Assis (2010), o surgimento da revista aconteceu no Brasil por volta de 1812, após a vinda da Família Real. Segundo a autora, a proposta da primeira revista brasileira “*As Variedades ou Ensaio de Literatura*” do editor português Antônio da Silva Serva trazia a orientação de defender os costumes e virtudes considerados corretos pela sociedade. Seus textos eram constituídos por fragmentos de romances, instrução militar, informações referentes às grandes navegações dentre outros.

Martins e Luca (2008, p.105) apresentam algumas características aplicadas à revista no início das publicações brasileiras ao destacar que “reservava-se a especificidade de temas, a intenção de aprofundamento e a oferta de lazer tendo em vista os diferentes segmentos sociais: religiosos, esportivos, agrícolas, femininos, infantis, literárias ou acadêmicos”. Com o avanço do processo de industrialização, aos poucos as revistas foram surgindo no cenário midiático dos séculos XX e XXI, tornando-se uma maneira acessível e atrativa para a leitura, uma vez que sua materialidade é constituída por textos, imagens, caricaturas e charges de diversos assuntos e sujeitos que são notícia (inter)nacional.

Considerando a dinamicidade e a heterogeneidade do dispositivo midiático, hoje a revista se constitui como um dos mais importantes veículos de informação que vem se diferenciando de outros, como o jornal, por exemplo, pois as mesmas trazem uma sofisticação visual e verbal com alta qualidade gráfica, recursos estratégicos e reportagens atrativas que abordam sobre temáticas que estão em bastante evidência no imaginário coletivo social (ASSIS 2011), como também se diferencia pela seletividade com relação ao

público, pois cada tipo de revista se volta para grupos específicos, contudo, esse fato não impede que seja veiculada a outros grupos.

Nesta perspectiva, após apresentarmos brevemente o surgimento da revista em nosso país, voltamos nossa discussão para a revista *Raça* que se constitui como materialidade de nosso *corpus* de análise. A referida revista chega ao mercado midiático brasileiro em setembro de 1996, lançada pela editora Símbolo. Logo em sua primeira edição foi sucesso nacional de vendas. Inicialmente, possuía o slogan “A revista dos negros brasileiros”, porém, a partir da edição nº 37 em 1999 esse slogan é retirado, passando a chamar-se revista *Raça Brasil*, pertencendo à editora Escala. Em 2016, muda sua nomenclatura para revista *Raça* e, hoje, pertence à Pestana Arte & Publicações.

Desde sua criação, a revista *Raça* aborda em suas matérias assuntos como: comportamento, moda, beleza, inclusão racial e de gênero, como também traz entrevistas com representantes da raça negra que são destaque na sociedade, principalmente no meio midiático, como atores, atrizes, cantores, jornalistas, atletas e grandes personalidades da mídia. De acordo com Santos (2017), a referida revista vem atender a uma parcela considerável da sociedade, a população negra, que não era visível, promovendo uma mudança na maneira como o sujeito negro é retratado pela mídia.

Comungando com o posicionamento acima, Castro (2007) destaca que a revista *Raça Brasil* exerce uma grande influência e contribui para as mudanças que tem ocorrido, pois traz um novo conceito para o negro brasileiro, valorizando a autoestima que ao longo do processo histórico e social foi/vem sendo destruído pelo padrão branco. Há mais de 22 anos nas bancas, a revista *Raça* continua como a primeira e mais conceituada revista com conteúdo relacionado ao negro no Brasil, buscando quebrar a invisibilidade social e “a falsa convenção de democracia racial brasileira quando cria um espaço de visibilidade negra que é negado na mídia tradicional” (VIEIRA 2014, p. 48), constituindo-se, assim, como um marco de referência na/para a imprensa negra contemporânea. Em consonância com a autora citada acima, Santos (2017) pontua que a referida revista apresenta-se como um importante veículo em busca da igualdade, inclusão, afirmação e ascensão do negro na sociedade brasileira, nos diferentes espaços e níveis da vida nacional, pois traz

o negro como portador de direitos, sendo valorizado, reconhecido e respeitado em sua diversidade.

Atualmente, a revista *Raça* encontra-se consolidada em todo o território nacional. Em 2019, passa de edição bimestral para mensal, outro destaque é a integração do universo impresso com o digital. Nesta perspectiva, a revista *Raça* vem dando ênfase aos diversos assuntos que dizem respeito ao público negro. Assim, tendo em vista as discussões apresentadas a cerca deste segmento da imprensa brasileira, sendo aqui representado pela revista *Raça*, discorreremos na sequência sobre as interfaces do Feminismo Negro e sua constituição na Europa e Brasil como movimento de empoderamento.

1.4 Da Europa ao Brasil: as interfaces do Feminismo Negro em/como movimento de empoderamento

Para adentrarmos nas discussões sobre o feminismo negro, é importante fazer uma breve contextualização a cerca de seu surgimento na Europa e no Brasil. Os movimentos feministas surgem nos Estados Unidos e em alguns países da Europa durante o século XIX, tendo como uma das principais influências a Revolução Francesa e as alterações nos arranjos sociais da época. Segundo Teles (1999), o sistema capitalista se desenvolveu de modo diferente em cada país, mas em todos eles houve a regularização do mesmo regime patriarcal de dominação e as mulheres em distintos e diferentes lugares enfrentavam os mesmos problemas de opressão e desigualdade.

Dessa forma, a partir desse momento de mudanças no sistema social, as mulheres começaram a tomar consciência das disparidades e diferenças a que eram submetidas em casa, no trabalho e na sociedade e passaram a questionar os modelos sociais vigentes, começando a luta pela igualdade política e de direitos. Teles (1999, p.37) destaca que “as mulheres da Europa e Estados Unidos iniciaram na segunda metade do século XIX um movimento por seus direitos políticos e sociais, que prontamente repercutiu nas mulheres brasileiras e latino-americanas”.

Nesta perspectiva, para uma melhor compreensão sobre o movimento feminista podemos dividi-lo em ondas como denominou (RIBEIRO 2014): a primeira onda compreendida entre o final do século XIX e início do século XX

surge o movimento sufragista, onde as mulheres reivindicavam o direito ao voto, ao estudo e as melhores condições de trabalho, pois até então a mulher ficava restringida a responsabilidade pelo lar e pela família. Gerda Lerne ([s/d] *apud* Davis, 2016, p.147) pontua que acontece nesse momento a compreensão por parte das mulheres de que “se um dia existir igualdade na justiça e nas regras de proteção em todas as cortes para todas as raças, deverá então haver oportunidades iguais para as mulheres de expressar suas preferências por meio do voto”.

Na segunda onda que aconteceu entre os anos de 1960 a 1990 destaca-se a busca por igualdade social e de direitos, questiona-se as formas de submissão e desigualdade, debate-se a cerca da decisão sobre liberdade sexual, maternidade e direitos de reprodução. Surge nessa fase a luta coletiva entre mulheres negras e brancas, pois havia algo que as unia de alguma forma: a opressão pelo fato de ser mulher, como destaca Davis (2016):

A defesa dos direitos das mulheres não podia ser proibida. Ainda que não fosse aceita pelos formadores de opinião, a questão da igualdade das mulheres, agora encarnada em um movimento embrionário e apoiada pela população negra – que lutava pela própria liberdade – tornou-se um elemento que não podia ser excluído da vida pública. (DAVIS 2016, p. 66).

Junto a esse grupo somou-se também a mulheres lésbicas que trouxeram ainda mais força ao movimento. Tratava-se de reivindicar por igualdade, afinal eram anos de contestação insegura e muitas vezes silenciosa, voltada para uma condição política e social (DAVIS, 2016). Na terceira onda feminista, iniciada a partir dos anos de 1990, busca-se a absoluta liberdade de escolha das mulheres em relação as suas vidas e corpos. Questiona-se os padrões estabelecidos socialmente, as questões como maternidade voluntária (escolha de ter ou não filhos), controle de natalidade, métodos contraceptivos, orientação sexual, aborto, dentre outros. A partir desse momento, percebeu-se a importância dos debates que aglutinassem o maior número de mulheres, independente de raça, gênero, orientação sexual, pois traria maior visibilidade às lutas do grupo. Neste sentido, observa-se com o exposto em cada fase que

as reivindicações feitas pelas feministas foram “um pré-requisito fundamental para a emancipação das mulheres” (DAVIS 2016, p. 197).

Atualmente, discute-se sobre a quarta onda feminista, caracterizada pela concentração dos meios de comunicações digitais (blogs, redes, sociais, sites, vídeos), diversidade de feminismos, interseccionalidade³ e a mobilização de coletivos. De acordo com Peres e Ricoldi (2018), aborda-se nessa onda sobre os padrões de beleza impostos as mulheres, aceitação dos corpos que estão fora dos padrões, violência doméstica, cultura do estupro, visibilidade da questão trans, gordofobia, assédio em transportes, no trabalho e em universidades.

Partindo para o âmbito brasileiro, o movimento feminista surge no final dos anos de 1970, época em que estávamos sob o domínio do governo militar. No entanto, com o processo de abertura política que aos poucos foi se instaurando em nosso país, o movimento feminista se estabeleceu juntamente com a reorganização de outros movimentos sociais, como o sindicalista e o estudantil. Porém, quanto ao feminismo negro, somente a partir dos anos de 1980 começa a ganhar força como expressão coletiva, uma vez que, que se estabelece a relação das mulheres negras por meio de organizações com o movimento feminista com o intuito de adquirir maior visibilidade política, (MOREIRA 2006). Ainda, segundo a autora, dentre os encontros realizados para consolidação do feminismo brasileiro, destaca-se o III Encontro Feminista Latino-americano ocorrido em Bertioga, São Paulo em 1985, de onde surge a organização atual de mulheres negras. Nesse momento, nasce também os primeiros Coletivos de Mulheres Negras, época em que aconteceram alguns Encontros Estaduais e Nacionais⁴.

³ Interseccional é um termo que traz a ideia de superação de um feminismo branco e de classe média das ondas anteriores, conjugando elementos identitários como raça, gênero, classe, sexualidade, deficiência, etc. (PERES E RICOLDI, 2018, p. (16).

⁴ Segundo Moreira (2006), no período entre 1985 a meados dos anos de 1990 pode-se listar também alguns encontros e seminários de mulheres negras, a saber: I Encontro Nacional de Mulheres Negras (1988); II Encontro Nacional de Mulheres Negras (1991); I Seminário Nacional de Mulheres Negras (1993); Seminário Nacional de Políticas e Direitos Reprodutivos das Mulheres Negras (1993); II Seminário Nacional de Mulheres Negras (1994) dentre outros. Informação disponível em: <https://docplayer.com.br/52142828-Representacao-e-identidade-no-feminismo-negro-brasileiro.html>. Acesso em: 21 de agosto de 2019.

Segundo Ribeiro (2016), com o início do diálogo e encontros entre as mulheres negras e as feministas, surge no Brasil organizações importantes como o Geledés⁵, Fala Preta⁶, Criola⁷ dentre outras, além de coletivos e produção intelectual que buscam promover a defesa das mulheres negras e todas as formas de discriminação e violência que restringem a implementação e realização da cidadania. Dentre a produção literária brasileira que trazem a mulher negra para o centro do debate, destacam-se Beatriz Nascimento, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Lélia Gonzáles e outras, que de forma significativa vem contribuindo com suas discussões e ativismo para o desenvolvimento dos estudos sobre o feminismo, mulher negra e empoderamento em nosso país e no mundo.

Dessa forma, observamos que a constituição do feminismo negro no Brasil foi semelhante ao norte-americano em termos de consolidação e coletividade, pois ambos surgem a partir de lutas coletivas, organizações e debates que visavam o combate de todas as formas de discriminação, preconceito e violência e que foram gradativamente se fortalecendo no âmbito social, uma vez que “pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos” (RIBEIRO 2018, p.7).

Por esse viés, Berth (2018, p. 74) ressalta que o feminismo negro veio trazer “estratégias de superação das opressões estruturais, como ampliar o conceito de humanidade”. Assim, todo o processo de reivindicações e lutas por igualdade de direitos políticos e sociais permitiu que as mulheres negras percebessem a importância de reivindicar coletivamente por espaços de saber-poder no âmbito social e, conseqüentemente, conquistar o empoderamento negro na sociedade, visto que, este tem um significado coletivo de empoderar a

⁵ GELEDÉS, Instituto da Mulher Negra, fundado em 30 de abril de 1988 em São Paulo. É uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres negras e contra todas as formas de discriminação que limitam a realização da plena cidadania, tais como: a lesbofobia, a homofobia, os preconceitos regionais, de credo, opinião e de classe social. Informação disponível em: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 21 de agosto de 2019.

⁶ Fala Preta! Organização de Mulheres Negras fundada em abril de 1997, cuja missão é promover o desenvolvimento humano sustentável buscando a eliminação de todas as formas de discriminação étnico-racial e de gênero e violência, com base nos princípios éticos da igualdade, equidade, justiça e cidadania da população negra. Disponível em <https://www.falapreta.com.br/>. Acesso em: 21 de agosto de 2019.

Criola, fundada em 1992 no Rio de Janeiro, trabalha com mulheres, adolescentes e meninas negras, instrumentalizando-as para o enfrentamento do racismo, do sexismo e das LGBTfobias. Disponível em: <https://criola.org.br/>. Acesso em: 21 de agosto de 2019.

si e aos outros e colocar as mulheres negras como sujeitos ativos de mudança (RIBEIRO, 2015).

De acordo com Berth (2018), o termo empoderamento ainda é um conceito novo que pode se definido como:

Instrumento de emancipação político e social e não se propõe a “viciar” ou criar relações paternalistas, assistencialistas ou de dependência entre indivíduos, tampouco traçar regras homogêneas de como cada um pode contribuir e atuar dentro dos grupos minoritários. (BERTH, 2018, p.14).

Neste sentido, empoderar-se não significa exercer ou transferir o poder centralizado e soberano sobre o outro, principalmente aqueles que pertencem às minorias na sociedade, mas é partir de um panorama de igualdade e fortalecimento que visa descobrir ou criar estratégias e ferramentas para combater os problemas que afligem a si ao outro em prol de uma coletividade.

Segundo Ribeiro (2015), o empoderamento da mulher negra busca o comprometimento com a luta pela equidade, não como causa isolada, mas se constitui como uma ação coletiva desenvolvida por sujeitos que participam de espaços privilegiados de decisões e de consciência social dos direitos sociais buscando fomentar e promover mudanças na sociedade dominada pelos padrões hegemônicos. Ainda segundo a autora, empoderar-se significa encarar e enfrentar a naturalização das relações de poder desiguais e promover a busca pelos direitos das mulheres à autonomia de escolhas, por seu corpo, sexualidade e espaço na sociedade. Sob essa perspectiva, no capítulo seguinte, analisamos, descrevemos e interpretamos a luz dos estudos discursivos foucaultianos a constituição midiática do sujeito mulher negra em edições da revista *Raça*.

CAPITULO 2: A CONSTITUIÇÃO MIDIÁTICA DA MULHER NEGRA EM CAPAS DA REVISTA RAÇA

Na contemporaneidade, compreender a dinâmica do complexo universo midiático não é tarefa fácil, principalmente quando se trata de analisar e interpretar os discursos produzidos e disseminados na esfera global. Nesta perspectiva, sob a ótica teórica e metodológica foucaultiana adotada para esta discussão, buscamos desenvolver uma análise do discurso que prioriza a dimensão social que compreende a mulher negra na história, uma vez que, o discurso não deve ser entendido apenas como um “conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2008, p.55).

Desta forma, no presente capítulo, buscamos analisar a constituição da mulher negra em discursos que circulam em capas da revista *Raça* veiculadas entre os anos de 2000 a 2018, assim como, identificar e descrever quem é a mulher negra, que lugar ocupa e como os discursos se vinculam as formações discursivas e midiáticas para a constituição da mulher negra na referida revista. Para tanto, sistematizamos a análise em três categorias, sendo estas: a) O dispositivo midiático e a constituição da mulher negra na revista *Raça*, b) As Formações discursivas e os enunciados propagados pela *Raça* a respeito da mulher negra e c) As relações de saber-poder e o empoderamento da mulher negra em capas da revista *Raça*. Desse modo, para uma melhor compreensão, apresentamos a análise a cerca da constituição midiática do sujeito mulher negra na revista *Raça*.

2.1 O dispositivo midiático e a constituição da mulher negra na Revista Raça

Sabendo que o dispositivo midiático faz a mediação entre os espectadores e realidade (GREGOLIN 2007), desenvolvendo mecanismos que permitem transformar discursos em imagens e vice-versa, observamos que a revista se constitui como um dos espaços onde o discurso ganha visibilidade e produz saber-poder, conduzindo os sujeitos aceitarem ou não determinados

tipos de discursos ou padrões concebidos como corretos pela sociedade, ou seja, subjetivando os sujeitos em suas práticas sociais. Assim, vejamos a edição nº 82 de capa da revista *Raça*, janeiro de 2005, que traz em destaque a imagem seguinte:

Figura 01: Edição nº 82 Revista Raça Brasil.



Fonte: Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br>

A imagem da capa (Figura 01) apresenta como destaque a goiana Fernanda Borges, enfatizando a conjuntura de um concurso de beleza, realizado em 2005, pela revista *Raça* e pela Rede Record de televisão. Na imagem, a *Raça* direciona o jogo discursivo para enfatizar a imagem da mulher negra, vencedora de um concurso em que concorreram 17 mil candidatas ao título de a mais bela negra do Brasil. Observa-se que a revista traz os dizeres: “A mais Bela Negra do Brasil”, as palavras “negra e bela” são ressaltadas por uma fonte mais elaborada do que as das outras chamadas na capa, porém, “a mais do Brasil” em caixa alta e em negrito destaca esse dizer e o lugar que ocupa a vitoriosa do concurso. Complementando a matéria, logo abaixo, vem o enunciado: “A goiana Fernanda Borges acreditou, deixou pra trás 17 mil candidatas e venceu o concurso que parou o País”. Isto posto, concordamos com Foucault (2008, p. 61) quando pontua que as distintas modalidades de

enunciação do sujeito “manifestam sua dispersão: nos diversos *status*, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso”. Na capa em análise, Fernanda Borges ocupa o lugar, o *status* e a posição de mulher, negra e a mais bela do país que representa a coletividade de sua etnia.

Observando os discursos apresentados, as cores e o contexto social do período do concurso, é importante atentarmos para a articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e as condições de aparecimento do discurso midiático. O sujeito discursivo apresentado pela revista ocupa uma determinada posição de uma mulher negra de 19 anos de idade, que se consagrou vencedora de um concurso de beleza a nível nacional, desbancando milhares de candidatas de diferentes regiões do país. Nesta perspectiva, o sujeito discursivo, Fernanda Borges, está inserido em uma conjuntura social, tomada em um lugar social e histórico.

Na capa da *Raça* aparecem matérias que atravessam conteúdos de saúde (viva em paz com sua diabetes); produtos de beleza (para deixar você linda da cabeça aos pés no verão); moda prática (mude uma peça e vá do trabalho para a balada); consciência negra (saiba tudo que rolou no mês de novembro); atualidade (Pronta pra folia, roteiro econômico para curtir o Carnaval pelo País, sugestões de maquiagem e adereços de cabeça); nossa história (os 170 anos da revolta dos Maiés, A tradição do Dia de Reis continua); ele voltou (o samba de raiz é o som que tá pegando). Todos os assuntos apresentados na revista estão voltados para o público negro. Esses conteúdos apresentados no discurso midiático da revista estabelecem correlações que atravessam o tempo e a história, visto que, o discurso “é considerado, necessariamente, no jogo de uma exterioridade” (FOUCAULT, 2008, p. 139), assim, o discurso da *Raça* se constitui na historicidade social das práticas discursivas, a partir do pré-construído. Observa - se também que a ênfase da edição nº 082, janeiro de 2005, está nos elementos visuais da imagem da mulher negra brasileira, que representa a beleza negra e enaltece positivamente a sua etnia.

Em diálogo com estes aspectos, a edição de número 97, publicada em setembro de 2006, pela *Raça*, traz em sua capa (**figura 02**) a imagem da atriz Camila Pitanga representando a mulher negra brasileira. Vejamos a capa:

Figura 02: Edição nº 97 Revista Raça Brasil.



Fonte: Disponível em <https://docplayer.com.br>

Primeiramente, ao direcionar o olhar ao nome da revista, observa-se que houve modificações em relação à edição nº 82, janeiro de 2005, analisada anteriormente. A escrita do nome “RAÇA” está em caixa alta e na cor laranja, o nome “BRASIL” permanece dentro do “R”, porém, não aparece mais o subtítulo 100% com você, que dá lugar ao aparecimento do logotipo da editora Símbolo ao lado direito na parte superior da capa. Nota-se, também, que os conteúdos de saúde, produtos de beleza, consciência negra e nossa história não estão mais presentes nas matérias da *Raça*, edição nº97, dando lugar a outros temas como: a valorização do dinheiro, à volta ao estudo, utensílios de moda, casamento, namoro e trabalho, ou seja, houve uma transformação nas formações discursivas entre as duas edições apresentadas. De acordo com Foucault (2008), isso se explica por haver transformações, mutações e modificações nas condições sociais e históricas dos acontecimentos discursivos. Assim, o discurso presente em ambas às edições da *Raça* se constitui na relação com o contexto sócio histórico de cada produção, isto é, são discursos que nos levam a outros dizeres, outros sentidos e outros momentos.

Na capa em análise aparece os dizeres: “*Belíssima e assumidíssima, Camila Pitanga ultrapassa os limites da cor e amadurece como mulher e atriz*”. Neste enunciado, observa-se a constituição de uma imagem da mulher negra que se apoia entre a exaltação amparada não simplesmente na beleza do corpo negro, mas em uma identidade negra assumida, afirmativa de um sujeito que ultrapassa as fronteiras de seu tom de pele e se constitui com a maturidade e empoderamento da Camila mulher e profissional. Na esteira desse dizer, as condições de emergência expostas pela revista *Raça* apresenta a constituição da mulher negra por meio da “autoafirmação, autovalorização, autoreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento sobre sua condição social e política” (BERTH, 2018, p.14).

Outro ponto que merece destaque na referida capa é a imagem da atriz usando um turbante que se relaciona a tradição de origem africana, que oferece a possibilidade de resgate, identificação, pertencimento e resistência de um grupo social ou etnia. De acordo com Freyre ([1963] 2010, p.188 *apud* Braga 2013, p. 208), o uso desse objeto era a maneira de sustentar “uma elegância de princesas do mundo afro-brasileiro”, sendo assim, o mesmo representa não somente um símbolo cultural de uma origem africana, mas marca também o *status* social, uma vez que, Camila Pitanga não é a representação de qualquer mulher negra, mas uma negra que situada no tempo histórico apresenta-se como empoderada na sociedade, pois a mesma ocupa a posição sujeito atriz que é conhecida mundialmente. Diferentemente da maioria das mulheres negras do Brasil, (in)visibilizadas na/pela conjuntura midiática e social, ela é a representação do sujeito que rompeu com o preconceito opressor perpetuado ao longo da história e construiu seus caminhos como uma atriz de renome (inter)nacional.

O discurso presente na revista *Raça* mostra que as construções ou representações imagéticas do sujeito discursivo mulher negra em geral não acontecem de modos isolados de seus contextos de produção, uma vez que, este sujeito veiculado pela referida revista está inserido em uma conjuntura social e histórica e, por isso, deve ser descrito, analisado e interpretado em seu contexto universal, observando que *status*, lugares e que posições esse sujeito ocupa, pois, como destaca Assis (2015), todo discurso sempre parte de algum

lugar, do pré-construído na própria historicidade do sujeito em um determinado lugar e momento.

Assim, observa-se nas edições de nº 82, janeiro de 2005 e nº 97, setembro de 2006 analisadas e interpretadas neste tópico, que a revista *Raça* traz a constituição midiática da mulher negra a partir de uma imagem que se apoia entre a exaltação amparada na beleza negra e em uma identidade negra assumida que ultrapassa as fronteiras de seu tom de pele e se constitui no social como um sujeito que ocupa o lugar, o *status* e a posição de uma mulher negra que representa a coletividade de sua etnia. Inerentes a este contexto, no tópico seguinte abordamos sobre as formações discursivas e os enunciados propagados pela *Raça* a respeito do sujeito mulher negra.

2.2. As Formações discursivas e os enunciados propagados pela Raça a respeito da mulher negra

Cientes que as formações discursivas e os enunciados não devem ser analisados separadamente, visto que ambos estão correlacionados na trama do discurso e são atravessadas pelas condições sócio históricas do seu aparecimento, Foucault (2008, p. 130) ressalta que “a análise das formações discursivas está bem centrada na descrição do enunciado em sua especificidade”. Nesta perspectiva, dirigimos nosso olhar para edição de número 47, divulgada em julho de 2000, pela revista *Raça*, descrita na capa da (figura 03):

Figura 03: Edição nº47 Revista Raça Brasil.



Fonte: Disponível em <https://produto.mercadolivre.com.br>

Inicialmente, observa-se na capa uma mudança em relação ao nome “Brasil” que aparece logo abaixo da letra “a” do nome *Raça*. Nesta edição, a revista apostou em um tom forte do rosa como plano de fundo da imagem e das manchetes em destaque. A revista *Raça* traz para esta edição a atriz Taís Araújo como mulher negra e celebridade em evidência, com o seguinte dizer como principal: “*Linda, talentosa e revolucionária*”, esse enunciado somado estrategicamente à imagem, à expressão facial e a posição em que a atriz aparece na capa dá ideia de movimento, atitude e sensualidade. Comungamos com Assis (2015, p.66) quando enfatiza que “a imagem, o não verbal reafirma dizeres, articula sentidos”, pois a partir da articulação entre o verbal e o não verbal a *Raça* cria no leitor uma representação imagética do real. Neste enunciado, nota-se também que, além da beleza da mulher negra está em realce, soma-se outros atributos e qualidades como o talento e a atitude revolucionária que se apresenta como um dos modos de se perceber a dinâmica do discurso veiculado pela revista, que gira em torno da posição do sujeito midiático que a atriz ocupa.

Nesta perspectiva, a imagem de Taís Araújo, mulher negra veiculada pela *Raça*, está arrolada a um jogo de poder ligado a configurações de saber que dele nascem, ou seja, são as estratégias de relações de forças que o discurso assume nesse enunciado, visto que não se trata de saber qual o poder que age do exterior, mas que efeitos de poder circula (FOUCAULT 2010). Assim, observa-se que a mulher negra, descrita como linda, assume a postura de militante que usa do empoderamento de sua posição enquanto atriz famosa que está em evidência no universo midiático para lutar em prol da coletividade que sofre com o racismo hegemônico, instaurado e perpetuado na sociedade brasileira ao longo dos séculos. Esta afirmação se constata no seguinte dizer apresentado pela revista em questão: “*A atriz que foi eleita a mais bela da América Latina usa a fama contra o racismo brasileiro*”. Desse modo, a *Raça* traz o empoderamento da mulher negra para criar estratégias de mudanças sociais numa perspectiva anti-racista.

Destacamos ainda outros enunciados veiculados na referida edição que também serviram de base para compreendermos o sujeito mulher negra representada pela *Raça*, dentre estes se destacam: “*Na estação da elegância, explore sua sensualidade com maquiagem de tons fortes e perfumes com toque cítricos*” e “*cabelos cheios de cores: luzes, mechas e nuances diferentes. Você vai arrasar*”, têm-se nestes dizeres dicas de embelezamento para a mulher negra no inverno, que enfatiza a estética feminina que vai do tom de pele ao cuidado com cabelos. Observa-se que mesmo na invisibilidade há o discurso que se apoia na exploração da sensualidade do corpo negro feminino.

Nota-se que a *Raça* vem mudando os conteúdos ao longo de suas edições, porém, vem sempre apresentando sugestões e dicas de cuidados para que as mulheres negras fiquem cada vez mais belas e empoderadas na sociedade, além de abrir espaço para (re) significar a percepção da imagem da mulher negra na mídia, como acompanharemos logo abaixo na edição de número 150, janeiro de 2011, na capa *Raça*:

Figura 04: Edição nº 150 Revista Raça Brasil.



Fonte: Disponível em: <https://produto.mercadolivre.com.br>

Ao dirigimos o olhar a edição de número 150, janeiro de 2011, da revista *Raça*, aos olhos do leitor aparece um rosto de olhar e sorriso serenos, que para muitos ainda é desconhecido midiaticamente. Trata-se de Maria Paula, estudante de jornalismo e mestre de cerimônia da Fundação Cultural Palmares⁸. Diferentemente das outras edições veiculadas pela revista que foram por nós descritas e analisadas anteriormente, nas quais trazem a mulher negra representada através da beleza e de rostos que estão em evidência na mídia, nesta edição a *Raça* discursiviza a respeito da estudante e mestre de cerimônia de uma das instituições mais importantes do país que vem fomentando e promovendo uma política voltada para igualdade, inclusão, valorização da arte, cultura e história negra brasileira como herança nacional.

⁸ A Fundação Cultural Palmares-FCP, fundada em 22 de agosto de 1988 pelo Governo Federal, é uma instituição pública que visa à promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira. A referida fundação é vinculada ao Ministério da Cidadania. O § 4º do art. 3º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, reserva à Fundação Cultural Palmares a competência pela emissão de certidão às comunidades quilombolas e sua inscrição em cadastro geral. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=95. Acesso 30 de agosto de 2019.

Outro diferencial na capa é que os temas como saúde, beleza, cuidados com o corpo, moda, comportamento, foram substituídos por outros que estão em ênfase no cenário da sociedade negra brasileira, dentre estes estão: *“Talento e conteúdo: cresce a valorização do estudo e da cultura como diferencial para o sucesso na carreira artística”*, neste enunciado a *Raça* traz a relevância e o saber-poder que o estudo e a cultura ocupam para o sucesso do sujeito negro na carreira artística. Estabelecendo relação com este dizer tem-se o seguinte: *“Projeto Já é⁹! Seriado de webtv seleciona protagonistas negros”*, observa-se que a referida revista nesta edição dá ênfase a questões que tratam da realidade que o negro brasileiro está inserido, trazendo ao espaço midiático temas como estudo, cultura, profissionalização, preparação, ingresso do negro no mercado de trabalho, adoção, batizado afro, polêmicas e as relações do Brasil com Moçambique.

Importa destacar que a *Raça* apresenta o sujeito mulher negra na imagem de capa e enunciados que possibilitam gestos de leituras aos leitores de que a mulher negra veiculada nesta edição representa o sujeito negro e sua etnia de um modo geral e coletivo. Além dos enunciados acima descritos, a revista apresenta o seguinte: *“Laços sem preconceito: no Brasil, apenas 5,3% das crianças adotadas são negras, mas essa realidade está mudando”*, a *Raça* traz a temática da adoção e recorre ao discurso estatístico para comprovar o seu dizer que mostra que apenas uma pequena parcela das crianças negras são adotadas em nosso país, porém, a conjunção adversativa “mas” ressalta que essa realidade está se transformando. Esse enunciado direciona o jogo discursivo para enfatizar, mesmo que de forma indireta, que há um déficit enorme em relação à adoção de crianças negras ocasionado pelos impactos do racismo instaurado e perpetuado em nosso país.

No enunciado: *“Denúncias e polêmicas: Monteiro Lobato e as ouvidorias em defesa da igualdade racial”*, a revista focaliza as discussões no embate entre as polêmicas e denúncias que envolvem as obras do escritor paulista Monteiro Lobato (1882-1948), conhecido na literatura por suas histórias

⁹ O Projeto Já É! Surgiu em 2009, idealizado pela Dum Produções, e tem como objetivo, descobrir, preparar, profissionalizar e inserir jovens afro descendentes que tenham interesse na carreira artística e desejam entrar para o mercado de trabalho artístico. Informação disponível em: <http://projetojae.com.br/principal.html>. Acesso em: 03 de setembro de 2019.

infantis, acusado de racismo em seus escritos, principalmente aos destinadas para o público infantil e as ouvidorias que defendem a igualdade racial. Observa-se que a *Raça* recorre a discursos de outras épocas para ressaltar uma temática que ainda se faz presente hoje na sociedade, ou seja, são formações discursivas “cuja compreensão coloca em evidência aspectos ideológicos e históricos próprios à existência dos discursos nos diferentes contextos sociais” (FERNANDES 2005, p.6).

De maneira interpretativa, percebemos as formações discursivas que marcam a veiculação da edição nº 150, janeiro de 2011, a partir de temas que fizeram parte de forma significativa da conjuntura social do país nesse período, dentre estes, se destaca o seguinte enunciado: “*Relações em sintonia: Brasil e Moçambique na luta contra a aids*¹⁰”; “*Em Angola, parceira na área agrícola e industrial*”, a *Raça* enfatiza a afinidade, harmonia, cooperação e união entre o Brasil e países da África, cuja a população apresenta um grande número de soro positivos. Esse dizer afirma a parceria entre os países que nesse período se uniram na produção de lotes de antirretrovirais contra o vírus da HIV¹¹ causador da Aids e na exportação e importação de produtos agrícolas e petróleo.

A revista *Raça*, na referida edição não apenas apresenta a imagem de uma mulher negra na capa, mas recorre aos vários discursos presentes na sociedade, como por exemplo, ao religioso - católico de que por meio do batismo os sujeitos se tornam cristãos, como se pode observar em: “*Batizado Afro: novos cristãos e antigas tradições ao som de atabaques na igreja católica*”. Nesse enunciado se discursiviza a respeito do batismo do sujeito negro como se a partir do sacramento batismal os mesmos se constituíssem verdadeiramente cristãos e filhos de Deus. O uso dos atabaques foi incorporado nas celebrações pela igreja católica a partir da renovação litúrgica impulsionada pelo Concílio Vaticano. Esse instrumento está ligado às tradições e culturas ancestrais dos povos negros que ao som dos mesmos dançavam em seus dias de festas. A partir deste contexto discursivo, compreendemos que os

¹⁰ Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

¹¹ Vírus da Imunodeficiência Humana.

enunciados não acontecem de forma aleatória, mas, fazem uso de estratégias que dialogam com o momento histórico e espaço de circulação.

Nesta edição tem outra novidade que o “É+” que adiciona os conteúdos: “Museu João Candido”, “Ao mestre Bituca”, “Folia de Reis”, “Baú do Hood” e “Gingas do Brasil”. Observa-se que a *Raça* vem trazendo matérias e conteúdos que valorizam, afirmam, incluem e (re)significam a herança africana em nosso país. Nota-se, também, que a revista faz uso de um jogo estratégico na organização e disposição dos enunciados que traz a representatividade coletiva do negro a partir da veiculação da imagem da estudante Maria Paula em sua capa. Percebe-se que os enunciados e as formações discursivas presentes não se dirigem a um único sujeito do gênero feminino e momento histórico, mas a sujeitos e momentos que são representados por meio da imagem de uma mulher negra que ocupa uma posição sujeito e que está situada em determinado lugar e momento. Assim, a revista *Raça* recorre em seu jogo discursivo à historicidade e ao pré-construído socialmente a respeito do negro, isto é, há uma reprodução de discursos que se modificam e se desconstróem adquirindo novos sentidos no campo social (ASSIS, 2015).

Neste contexto, observa-se que os discursos veiculados pela *Raça* na edição número 47, divulgada em julho de 2000, (figura 03), traz a mulher negra que assume a postura de militante e usa do empoderamento e de sua posição sujeito - atriz para lutar contra o racismo instaurado na sociedade. Já na edição de número 150, janeiro de 2011, (figura 04), os enunciados propagados possibilitam gestos de leituras aos leitores de que a mulher negra representa sua etnia de um modo geral e coletivo. Outro ponto observado nesta última edição é que a revista recorre a discursos de outras épocas para ressaltar a temática do racismo que se faz presente no âmbito social, ou seja, as formações discursivas veiculadas colocam em ênfase aspectos históricos de diferentes contextos sociais. Desse modo, a *Raça* cria estratégias discursivas antirracistas por meio de temáticas que fizeram parte da conjuntura social do país nesse período. No tópico seguinte, discorreremos especificamente sobre as relações de saber-poder e o empoderamento da mulher negra em capas da revista *Raça*.

2.3 As relações de saber- poder e o empoderamento da mulher negra em capas da revista Raça.

Considerando que os discursos estão imersos nas relações de saber e poder, pois quem fala parte de algum lugar institucionalmente reconhecido em um momento histórico-social, analisamos neste tópico as relações de saber-poder e o empoderamento da mulher negra em capas da revista *Raça* nas edições de número 188, março de 2014 e número 99, março de 2018. Nesta perspectiva, para o primeiro momento, direcionamos nosso olhar para edição de número 188 especial mês da mulher descrita na capa da (figura 05).

Figura 05: Edição nº 188 Revista *Raça* Brasil.



Fonte: Disponível em <https://revistaraca.com.br>

A imagem veiculada pela *Raça*, na edição apresentada acima, traz a jogadora de futebol da seleção brasileira, Marta Vieira da Silva, representando a mulher negra. Observa-se que as cores, amarela e verde ao fundo da capa corresponde discursivamente a um contexto expositivo marcante na conjuntura social do futebol brasileiro no ano de 2014. Período este em que a Copa do Mundo de futebol voltava ao nosso país, após ter passado 64 anos desde o primeiro mundial ter sido disputado no Brasil.

Com predominância do amarelo na capa, a imagem da jogadora aparece com o cotovelo apoiado na coxa, o sorriso e o olhar direcionado para o lado, representando o momento em que se estava prestes a vivenciar o mundial de futebol. O discurso da revista por meio da manchete “*Poderosa Marta*” em caixa alta, traz ao campo midiático o empoderamento da mulher negra que ocupa a posição de melhor jogadora de futebol feminino do mundo ao cenário nacional, que é contextualizado com o seguinte dizer em letras menores e maiúsculas “*No ano da copa, entrevistamos a melhor jogadora do mundo*”. Nota-se que Marta é a representação discursiva da mulher, negra, nordestina, nascida no interior de Alagoas que conseguiu chegar ao pódio do sucesso como jogadora da seleção feminina de futebol, sendo eleita cinco vezes consecutivas pela Fifa¹², entre os anos de 2006 e 2010, como a melhor do mundo, daí reside o *status*, a posição sujeito e o lugar que a mesma ocupa.

A revista *Raça*, nesta edição especial em comemoração ao dia internacional da mulher, veicula o seguinte enunciado “*Especial mês da mulher: Mercado de trabalho, afetividade e perfil de grandes personalidades negras da história*”. Por meio deste discurso, a *Raça* aborda e homenageia a trajetória das várias mulheres negras brasileiras que conquistaram espaço no mercado de trabalho como é o caso de Carolina de Jesus, escritora negra brasileira; Marta, camisa 10 da seleção brasileira que se destaca no futebol e Luciana Santos, na política dois campos de atuação masculina. Nesta perspectiva, a entrada da mulher no mercado de trabalho, política, literatura, educação, dentre outros espaços é resultado das lutas coletivas de gerações de mulheres negras, como bem ressaltou Davis (2016), Ribeiro (2016) e Berth (2018).

A edição nº 188, março de 2014, apresenta um diferencial, as páginas pretas, que discursiviza a respeito da primeira mulher negra a comandar um Partido Comunista em nosso país com quase cem anos de história. As entrevistas e os conteúdos das páginas pretas não são somente constituídos e destinados a pessoas negras, mas também tem abertura para as várias etnias, dentre o seu público estão ativistas, intelectuais, artistas e outros que têm contribuído na luta pela igualdade racial no Brasil e no mundo. Quanto a esse assunto, a *Raça* anuncia o enunciado seguinte “*Luciana Santos, primeira*

¹² Federação Internacional de Futebol.

mulher a presidir um partido comunista no Brasil”, esse dizer marca o saber-poder que a mulher negra assume ao ocupar um cargo de governadora no estado de Pernambuco pelo Partido Comunista do Brasil-PCdoB. Luciana Santos é a representação do pioneirismo, do marco histórico e simbólico da mulher negra a assumir a posição sujeito na política em nosso país. Esse marco histórico se constitui como um ato emblemático na luta coletiva das mulheres por igualdade nos diferentes espaços sociais, inclusive na política, visto que, o empoderamento da mulher negra não pode ser tratado como conquista individual, mas a partir de uma perspectiva de sujeitos empoderados que forma uma coletividade (BERTH, 2018).

Nesta conjuntura, a *Raça* traz ao campo midiático os “100 anos de Carolina de Jesus pela poeta Mirian Alves”. A escritora Carolina Maria de Jesus foi uma das primeiras autoras negras da literatura brasileira no século XX, moradora da favela do Canindé, zona norte de São Paulo, transformou o cotidiano da pobreza e desigualdade social vivenciado diariamente em literatura. A revista *Raça* traz a representação do sujeito mulher negra, mãe, catadora de papel e favelada como exemplo de superação e empoderamento da mulher negra que por meio do saber no campo literário obteve o reconhecimento (inter)nacional. Observa-se que, nesta edição, a referida revista não economizou nas referências e representações midiáticas de mulheres negras que se destacaram no cenário brasileiro. Atenta a estes aspectos, a edição de número 199, publicada em março de 2018, pela revista *Raça*, aborda em sua capa (figura 06) sobre mulheres negras empoderadas em áreas distintas do saber.

Figura 06: Edição, nº 199 Revista *Raça*.



Fonte: Disponível em: <https://revistaraca.com.br>

A edição nº 199, março de 2018, veiculada pela *Raça* apresenta a imagem de três mulheres negras, que num primeiro momento nos parece desconhecidas midiaticamente, trata-se de Maria Olívia Santana, Secretária de Trabalho, emprego e Renda da Bahia, Helena dos Santos Reis (Coronel Helena), Secretária Chefe da Casa Militar de São Paulo, Macaé Maria Evaristo dos Santos, professora que exerceu o cargo de Secretária de Educação do estado de Minas Gerais. Essas mulheres ocupam posições de destaque e assumem o saber-poder nos cargos que exercem. A *Raça* com sua logomarca em caixa alta e na cor dourada enfatiza com a exclamação o dizer: “*Elas são o poder!*”. Contextualizando o enunciado em letras menores na cor branca, a revista explica: “*Com orçamento que vão de milhões a bilhões de reais, atuam no trabalho e renda, segurança pública e educação*”. O discurso da revista por meio da manchete principal “*Elas são o poder!*” comunga com a posição sujeito que cada mulher negra apresenta nesta formação discursiva, pois como afirma Foucault (2008, p. 58), “as posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos”, ou seja, esses sujeitos são mulheres negras que atuam e

dirigem algumas das instituições públicas mais importantes do país, que por meio das relações de saber-poder exercem o seu cargo.

Ainda nesta discursivização, a *Raça* ao veicular os enunciados: “*Pantera negra: uma viagem pelos quadrinhos e seus heróis negros*”, apresenta ao campo midiático a visibilidade de personagens e heróis negros que enfatizam a representatividade da ancestralidade africana, uma vez que, em sua maioria, o negro nas histórias em quadrinhos é representado ou apresentado quando se trata de mostrar o continente africano de modo geral. Observa-se que a referida revista, ao trazer a Pantera Negra à mídia quebra paradigmas e estereótipos sociais permeados pela branquitude literária infantil, em que as minorias étnicas são (in)vibilizadas socialmente pela indústria cultural.

Neste contexto, a revista dirige-se às mães do público infantil através do seguinte enunciado: “*Cabelo crespo: Fortalecendo a autoestima das crianças*”. A revista *Raça* ao direcionar seu olhar midiático sobre essa temática traz a tona a aceitação do cabelo crespo pela criança como forma de afirmar e fortalecer a autoestima, visto que, ainda impera na sociedade o padrão de cabelo liso como sendo o de um cabelo “bom”. Neste sentido, “encontramos no cabelo crespo um símbolo produtor de sentidos a partir do modo como é significado e re-significado pela sociedade” (BRAGA 2008, p. 09). Assim, a revista usa do discurso de fortalecimento da autoestima da criança para trazer ao público a importância de mostrar desde cedo que o cabelo crespo representa a afirmação, exaltação e resistência de uma diversidade afro que resiste aos padrões de beleza do cabelo liso.

Por último, a citada edição em letras brancas e ao fundo na cor vermelha veicula o enunciado: “*Willian Waack fala com exclusividade a revista Raça*”. A revista ao mencionar a figura de Waack traz ao espaço midiático a polêmica protagonizada pelo jornalista, apresentador e âncora de TV da Rede Globo, acusado de disseminar um comentário racista ao vazarem um vídeo de quando o mesmo fazia a cobertura das eleições presenciais em Washington, nos Estados Unidos no ano de 2016. O jornalista foi motivo de polêmicas nas redes sociais por algumas semanas e, conseqüentemente, demitido pela emissora, apesar de afirmar de não se lembrar do que disse no momento do vídeo. É importante ressaltar, que o entrevistador/jornalista “age a partir de um lugar social, de um discurso determinado pela ordem a que está submetido” (ASSIS,

2010, p.76). Nesta perspectiva, sendo a entrevista concedida a um repórter negro do maior e mais conceituado veículo de comunicação direcionado à população negra do país, é relevante observar que a revista está apresentando a notícia a partir do posicionamento de um sujeito que ofendeu a milhares negros que veem lutando contra o racismo perpetuado e disseminado durante anos.

Neste cenário, os discursos propagados pela *Raça* em ambas as capas nas edições, 188, março de 2014 (figura 05) e 99, março de 2018 (figura 06) trazem imagens de mulheres negras empoderadas que representam a sua etnia de maneira positiva, afirmativa e coletiva. Observa-se que, não é a imagem de qualquer sujeito discursivo que é veiculado pela revista, mas são mulheres que possuem um *status*, ocupam um lugar e assumem posições sujeitos na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Envolvidos pelos vários discursos que nos constitui, chegamos ao momento de delineamos nossas considerações finais a respeito da pesquisa na qual objetivamos analisar a constituição do sujeito mulher negra em discursos que circulam em capas da revista *Raça* veiculadas entre os anos de 2000 a 2018. É importante destacar que no decorrer deste trabalho procuramos identificar, descrever e interpretar quem é a mulher negra, que lugar ocupa e como os discursos se vinculam as formações discursivas e midiáticas para a constituição da mulher negra na referida revista. Salientamos que o aporte teórico dos estudos discursivos foucaultianos e as categorias da Análise do Discurso foram essenciais para interpretarmos e compreendermos o discurso midiático disseminado a respeito da mulher na revista *Raça*.

Destacamos que a referida revista não é apenas um veículo de comunicação que dá visibilidade ao negro brasileiro, mas se constitui como sendo um componente relevante para entendermos a constituição midiática da mulher negra no cenário (inter)nacional hoje. Desta maneira, a *Raça* pode ser compreendida como um território de ação política e social de afirmação, valorização e reconhecimento de sujeitos negros que simbolizam a coletividade de sua etnia, uma vez que, tem a prerrogativa de veicular no campo social os discursos das mulheres negras que ultrapassaram as fronteiras de seu tom de pele e se constituíram como empoderadas.

Mediante as capas analisadas, percebemos que os discursos propagados a cerca da mulher negra na revista *Raça* traz ao campo midiático a visibilidade de um sujeito que ocupa um *status*, lugar e uma posição sujeito em determinado contexto histórico e social. Observou-se também que não é a imagem de qualquer mulher negra que é propagada pela revista, mas são negras que se destacam na mídia e sociedade por ter rompido com o preconceito opressor perpetuado ao longo da história e conseguiram empoderar-se nas distintas profissões ocupando cargos importantes e de destaques.

Para tanto, as mulheres negras veiculadas pela *Raça* são sujeitos do discurso e ocupam um lugar que lhes permite falar a partir das regras deste,

isto é, os lugares, posições e *status* ocupados pelas negras são resultados de um longo processo de resistências, relações de saber - poder e lutas coletivas por respeito, igualdade de gênero, inclusão social, maternidade voluntária, melhores condições de vida, reconhecimento profissional, direitos políticos e sociais, dentre outros, pois foram por meio destas reivindicações que as mulheres negras conseguiram o seu espaço na sociedade.

Nesses termos, os discursos midiáticos presentes na revista *Raça* nas edições pesquisadas nos mostraram que as construções ou representações imagéticas do sujeito discursivo mulher negra em geral não acontecem de modos isolados de suas condições de emergência, mas trazem sujeitos que estão inseridos em conjunturas sociais e históricas. Desse modo, a referida revista recorre a discursos de outras épocas para afirmar positivamente a presença da negra no campo midiático e social, criando estratégias discursivas antirracistas por meio de temáticas que fizeram ou fazem parte da conjuntura social do país.

Sendo assim, entendemos que os objetivos propostos inicialmente no que se referem à constituição midiática do sujeito mulher negra nas seis capas analisadas da revista *Raça* veiculadas entre os anos de 2000 a 2018, foram parcialmente atingidos durante o desenvolvimento da pesquisa. Contudo, não temos o anseio de dizer que se trata de um estado final da pesquisa, mas acreditamos que haverá novos olhares, novos discursos e novas interpretações sobre a mesma, visto, termos consciência ser possível avançarmos em trabalhos futuros acerca da temática pesquisada. Isto posto, esperamos que esta investigação possa trazer contribuições relevantes a comunidade acadêmica, social e aos estudos discursivos foucaultianos.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo?. In: **Outra travessia**. Ilha de Santa Catarina- 2º semestre, n. 5, 2005, p. 9-16. Tradução de: Nilcéia Valdati.

ASSIS, Edjane Gomes. Veja, Istoé: **recontando a história no universo midiático**. Ivone Tavares de Lucena (orientadora). Tese Doutorado. João Pessoa: [s.n], 2010. Acesso em: 27 de julho de 2019.

ASSIS, Edjane Gomes. **Veja a discursivização ideológica**: Istoé discurso jornalístico /Brasília : Editora Kiron, 2011.

ASSIS, Edjane Gomes. **O Devir da Memória no Discurso Midiático**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

ASSIS, Edjane Gomes de. **As novas configurações identitárias e seus efeitos de sentido na mídia brasileira**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 17, n. 3, p. 433-448, set./dez. 2017.

BRAGA, Amanda. **Retratos em preto e branco: discursos, corpos e imagens em uma história da beleza negra no Brasil**. Ivone Tavares de Lucena (orientadora). Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

CASTRO, Patrícia Cristina Campos de. **O negro na publicidade e propaganda brasileira**. Centro Universitário de Brasília, Brasília: DF, 2007. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/.pdf>. Acesso em: 27 de julho de 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. Introdução. In: CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013. p. 15-29. Tradução de: Ângela M. S. Corrêa.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. [recurso eletrônico]; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.

FERNANDES, Claudimar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. Poderes e Estratégias In: Michel Foucault. **Estratégia, Poder- Saber**. Tradução Manoel Barros da Motta (Org.) (Col. Ditos & Escritos IV). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 241-252.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 28 reimpressão. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. 2018. **Conceitos fundamentais**. Editado por Dianna Taylor; tradução de Fabio Creder. Petropolis/RJ: Vozes, 2018.

FREYRE, Gilberto. **Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**: tentativa de interpretação antropológica através de anúncios de jornais brasileiros do século XIX, de características de personalidade e de formas de corpo de negros ou mestiços, fugidos ou expostos à venda, como escravos, no Brasil do século passado. 4ª ed. São Paulo: Globo, ([1963]2010, p. 11-19).

GERDA, Lerner (org.) **Black Women in White America**, (Mulheres Negras na América Branca) pla [S. l.] p. 446.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. **Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. In: **comunicação, mídia e consumo**. São Paulo. Vo l. 4 n. 11, p. 11 - 25 nov, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário. No diagrama da AD Brasileira: Heterotopias de Michel Foucault. In: NAVARRO, Pedro (org). **O discurso nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008, p.240.

GALDINO, José Roberto de Vasconcelos; VERNER, Dayane. O discurso midiático brasileiro e as representações sociais: a (in) visibilidade da mulher negra nas edições especiais Veja "mulher. In: **Ateliê de História UEPG**, 2(2): 245-278, 2014.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOREIRA, Núbia Regina. **Representação e identidade no feminismo negro brasileiro** (artigo apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 7 de agosto de 2006.

PERES, Olívia; RICOLDI, Arlene. A quarta onda feminista? Reflexões sobre movimentos feminista contemporâneos. In: **42º Encontro Anual da ANPOCS, GT8- Democracia e desigualdades**. Caxambu/MG, 2018.

Revista Raça Brasil. São Paulo, Símbolo, ed. nº 47, ano 4. Julho 2000.
Disponível em: <https://produto.mercadolivre.com.br>. Acesso em 13 de setembro de 2019.

Revista Raça Brasil. São Paulo, Símbolo, ed. nº 82, ano 9. Janeiro de 2005.
Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br>. Acesso em 12 de setembro de 2019.

Revista Raça Brasil. São Paulo, Símbolo, ed. nº 97, ano 10. Setembro de 2006.
<https://docplayer.com.br/82404210-Jose-carlos-cintra-revista-raca-brasil-o-negro-como-sujeito-midiatico-no-jornalismo-e-na-publicidade.html> Acesso em 13 de setembro de 2019.

Revista Raça Brasil. São Paulo, Escala, ed. nº 150, ano 15. Janeiro de 2011.
Disponível em: <https://produto.mercadolivre.com.br>. Acesso em 13 de setembro de 2019.

Revista Raça Brasil. São Paulo, Escala, ed. nº 188, ano 18. Março de 2014.
Disponível em: <https://revistaraca.com.br/revista-raca-brasil-edicao-188/>.
Acesso em 13 de setembro de 2019.

Revista Raça. São Paulo, Pestana Arte & Publicações, ed. nº 199, ano 22.
Março de 2018. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/revista-raca-199/>.
Acesso em 13 de setembro de 2019.

RIBEIRO, Djamila. O empoderamento necessário. In: **Mulher Negra**. Instituto da mulher negra-GELEDÉS, São Paulo, 31 de julho de 2015. Disponível em: https://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/?fb_comment_id=1606007692763513_1948412721856340. Acesso em 12 de setembro de 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório**: Uma perspectiva brasileira. Sur 24 - v.13 n.24 • 99 - 104 | 2016.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **As Diversas Ondas do Feminismo Acadêmico**. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/feminismo-academico-9622.html>. Acesso em: 23 de agosto de 2019.

ROUANET, Sergio Paulo et al. O Homem e o Discurso – **A Arqueologia de Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SANTOS, Jorge Luís Rodrigues dos. **A revista Raça Brasil: uma proposta de imprensa negra na mídia brasileira do século XX?**. Andréa Lopes da Costa Vieira (orientadora). Tese Doutorado. Programa de Pós Graduação em Memória Social. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Ed.23. rer. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. Ed. 1ª, reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo José da. **Foucault e a Educação**. 2. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIEIRA, Ramila Moura Clavelin. **Negritude na capa**: Análise dos discursos como representação do negro na revista Raça Brasil. Isabel Cristina Clavelin da Rosa (orientadora). Monografia. Universidade Católica de Brasília, 2014.